

## A bela da Condução

Raramente ao me dirigir ao centro da capital, utilizo veículo particular. Deslocar-me com veículo próprio é ter que disputar vaga para estacionar ou pagar garagem que nem sempre fica próximo ao destino. Às vezes vou de carona. Habitualmente utilizo ônibus para me deslocar. As vantagens são muitas: vou de Mercedes Bens com motorista, com sorte, embarco em ônibus moderno com ar condicionado. Com a idade que tenho permite que não pague passagem. Ocasionalmente, quando os bancos especiais para os anciões não estiverem ocupados por jovens "distraídos", "ressonando" ou de olhos no celular, encontro possibilidade de ir sentando. Com sorte posso até deparar um companheiro de boa prosa, daí a viagem se torna mais rápida e confortável, principalmente se o assunto permitir boas risadas e a companhia for de boa cepa. Recentemente tomei um ônibus para ir ao centro. Na parada no bairro mais próxima de onde moro, a possibilidade de encontrar bancos vazios são bem favoráveis e isto me posiciona estar mais otimista em viajar acomodado sem os imprevisíveis incômodos de viajar em pé. E, também, pela oportunidade de escolha de uma das linhas de ônibus que mais rápida possa me atender. Recentemente, às pressas para chegar a tempo no compromisso, impôs-se que eu tomasse o veículo mais próximo que chegasse a parada para eu poder atender meus propósitos em tempo hábil. Peguei a primeira condução (ônibus) que chegou. Não havia lugar para sentar e os bancos especiais (amarelinhos) também estavam todos ocupados. Ao entrar no ônibus, procurei ficar entre o menor número de passageiros em pé, postando-me na menor fila. Permaneci na linha dos que estavam de costas à porta de entrada do ônibus. Na outra linha, de costas, diversos marmanjos enfileirados ombro a ombro disputavam espaço. Determinado, prossegua meu objetivo. Surpreendentemente, após já estar adequada a posição tomada, senti forte bater de dedos na altura da minha cintura. Imaginava tratar-se de um, amigo ou pessoa conhecida. Identifiquei ser de uma jovem que estava sentada na outra linha de bancos às minhas costas. Virando-me, percebi ser uma mulher bem tratada, bela figura, aparentava pouco mais de trinta anos. Hoje, esta moça nessas referências, fosse à época da minha juventude, poderia dizer que estava diante de uma bela balzaquiana. Vestia uma blusa de cores vivas, corte substancioso, generoso decote a permitir visualizar boa parte dos majestosos e equilibrados seios. Pele morena clara, olhos verdes graúdos, sobrancelhas rigorosamente delineadas, maquiagem de fino trato distribuída por todo rosto. Os lábios grossos pareciam criação divina ou demoníaca, pura tentação. Enquanto falava, o fazia com determinação e convicção. Mostrando alvos dentes bem definidos contrastando com os lábios

delicadamente pintados de uma cor vermelha, delineado no contorno - pecado puro retratado em uma só figura. A princípio pediu para que eu sentasse no banco onde estava. Agradei e declinei da oferta. Levantou-se e, em tom determinante, “ordenou” que eu sentasse no lugar em que antes ela ocupava. Além de não gostar do tom, sentindo-me contrariado por não concordar com a proposta e a forma de tratamento e expressão. Mais delicadamente possível novamente manifestei que não precisava sentar. Disse-lhe que estava confortável como estava e que não precisava tirar seu conforto. Ela voltou a insistir e explanava que aquele banco era eu quem deveria ocupar. Em tom mais determinado, Insisti que não sentaria em banco cedido por uma mulher. Ela manteve em posicionamento e se mostrava decidida, salientando que o banco oferecido não lhe pertencia e sim a pessoas da minha idade. Não mais pedia, determinava que eu sentasse. Ambos permanecíamos firmes, obstinados nas nossas posições. Nossa contenda já não estava somente ao nível de atitudes entre duas pessoas, passamos a ser palco dos passageiros mais próximos e a contenda florescendo ônibus afora. Todos os passageiros visivelmente já faziam parte aguardando o resultado da contenda. Aquele gesto ainda que gentil e determinado, ofendia meus princípios. Insisti em permanecer em pé e afirmei estar aconchegado. Ela, determinada, manifestou que desceria na próxima parada e seria conveniente que eu sentasse ou ela não desceria. Diante desta manifestação e me vendo acochado por tantos olhares e, para por fim naquele jogo de posições conflitantes, contrariadíssimo, concluí em aceitar a oferta. Ela e todos os passageiros me venceram. Estando sentado, sentia-me incomodado e sem achar posição adequada naquele banco ainda quente e perfumado. Tinha nítida impressão das minhas orelhas estarem a queimar em vermelhão e a sensação de que muitos olhos cuidavam meus gestos. A extensão do caminho até o centro tornou-se longa e demorada. Finalmente aportamos no fim da linha. Ao levantar-me, quando virei em direção à porta de saída, lá estava a bela entre diversos jovens. Ela me olhava com olhar fixo. Breve diálogo no olhar, e eu, constrangido e a pensar no que poderia levar a determinação de uma pessoa. Ela, em seus gestos e forma atenta de me olhar, cerrando os olhos, abrindo um leve debochado sorriso, meus pensamentos identificaram o que aquela expressão me dizia: - “velho teimoso, foi difícil, mas tu vieste sentado”.

Velejador.